

A cisterna de 16 mil litros já existia na propriedade, o que já ajudou bastante no armazenamento de água para beber. Em 2012, com a chegada do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) na comunidade, conquistaram a cisterna-enxurrada (52 mil litros) que trouxe muitos benefícios para a produção. Na época passava-se por uma seca grande e tendo sua produção ameaçada, a cisterna a ajudou a superar esse momento. Hoje a família produz tudo que sempre sonhou. Atualmente, Lita e Luiz têm mais de duzentas espécies entre hortaliças, fruteiras, animais e plantas medicinais, que atendem desde o consumo da família, troca entre vizinhos, até a comercialização na feira do município.



Criação de animais

Dona Lita lembra que “É muito bom porque além de doar, comer e comercializar, eu vejo que a vizinhança começou a fazer também, e perguntava como eu fazia, hoje muita gente planta no seu quintalzinho”, explica. Para o comércio contava com a ajuda da filha Lilian que postava na internet: “eu vendia nas portas, para quem encomendava; eu separava tudo numa sacolinha com o nome do povo e o valor, quando chegava lá entregava e recebia”, relembra.



Intercâmbio: mostrando o tanque de reuso de água

Em diversos momentos de formações, intercâmbios e troca de experiências, a família adquiriu conhecimentos que foram postos em prática no arredor de casa, o que os levou a serem considerados hoje referência para outras famílias em toda a região. Em uma de suas participações em intercâmbios no ano de 2015, Lita conheceu o tanque de reuso de água. Chegou em casa e fez o seu. Foi também nesse ano, que ela trouxe a experiência da fossa ecológica para sua casa. “Através dos intercâmbios, foi onde eu vi e fiz a fossa ecológica, eu acho muito importante, tem gente que vai, vê, acha bonito, mas ali morreu e não traz pra sua casa. Já eu penso que é importante a gente fazer, pra outras pessoas da comunidade ver e fazer também”. Algumas pessoas já pegaram essas experiências e fizeram nas suas casas.

Na sua propriedade também encontramos o banco de sementes, que tem servido à toda comunidade da Serra Velha. “A queixa do povo é que quando vem um ano de seca, planta e perde a semente; apesar de estar bem fragilizado, todo mundo tem trazido sementes para manter nosso banco comunitário”.

Dona Lita se sente muito agradecida à Articulação Semiárido – ASA e ao Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste, pelo apoio à sua comunidade e enfatiza que se não fosse isso não teria conquistado tudo que tem hoje: “foi tudo através deles, se não fosse como eu ia adquirir conhecimento dessas coisas de aprender a conviver com o Semiárido, de guardar água e semente, se eu não tinha clareza disso, eu sabia de outras coisas de criação, que eu aprendi com meu pai, mas meu pai não chegou a ver nada disso que eu faço hoje,” lembra ela.

Vendo tudo que já conquistou Dona Lita fala sobre sua felicidade, a realização da família por fazer o que gosta e nos diz: “Eu vejo que quando eu vim para cá, eu achei que não teria nada pra fazer, agora é tanto serviço que não dou conta; às 4:30 da manhã já estou na horta. Hoje me sinto outra pessoa, realizada, vim pra cá fazer o que eu gosto, tive a oportunidade de aperfeiçoar o conhecimento que aprendi com meu pai, pude aperfeiçoar. Ao redor da minha casa pude transformar o que era lixo e mato, mudou minha vida, a condição é muito melhor, a saúde também, agora minha pressão tá boa, não tenho nada. Tudo foi a partir das políticas sociais que trouxe tanto conhecimento para nós”, comemora Dona Lita ao lado de seu Luiz.



Realização

Apoio

## A agricultura conectando o passado e o presente na vida da família de Lita e Luiz



Dona Lita e seu Luiz celebrando aniversário de Dona Marcionila

Hoje iremos conhecer a trajetória de sofrimento e luta, mas também de muita determinação e conquistas da agricultora experimentadora Lita, Luzia Bezerra da Silva, de 59 anos, e o seu esposo Luiz Ernesto, 58. Foi na comunidade Serra Velha, localizada a 12 km da sede do município de Itatuba/PB, onde tudo começou e onde atualmente moram. Apesar de terem migrado por um tempo, ambos são apaixonados pela terra e foi esse amor pela agricultura que os trouxe de volta.

Filha do senhor Manoel Abílio e da senhora Marcionila, Lita nasceu em 1957, na comunidade de Serra Velha. Teve dez irmãos. Enquanto seus pais trabalhavam no roçado, ela, sendo uma das mais velhas, cuidava da casa e dos irmãos desde muito pequena. Aos sete anos, em 1964 começou seus primeiros passos como agricultora.

Emocionada ao falar da mãe, Lita não esquece que o sonho de sua mãe era ver ela e os irmãos estudarem. “Era a única coisa que ela exigia da gente, não deixem de estudar”.

Com muita dificuldade ela e seus irmãos iam para escola, mas infelizmente seus irmãos estavam desestimulados e alguns chegaram a desistir, apesar disso sempre alimentou a esperança e o sonho de sua mãe e queria estudar até ser uma professora.

Em 1974, quando concluiu a 4ª série, Lita precisou tomar uma decisão importante: não tinha mais escola na comunidade e para continuar os estudos precisaria sair de casa pela primeira vez, ir morar na cidade. Apareceu uma chance quando um conhecido falou com sua mãe e pediu para ela ajudar a cuidar de sua esposa que estava doente. “Foi quando começou minha escravidão, foi quando fui morar na casa dos outros, começou meu sofrimento, é a coisa pior do mundo”. Em troca de morar na casa deles, ela cuidava da senhora, dos afazeres domésticos e ia a escola, quase não tinha tempo para se dedicar aos estudos, mesmo assim passou dois anos desse jeito.

“Já renegada da casa dos outros, fui continuar meus estudos no Recife, passei 1977 e 1978 morando na casa de uma tia doente, e foi pior, tive um problema com uma prima, estourei e voltei pra Serra Velha. Daí passei mais dois anos estudando em Itatuba, ia a pé ou de cavalo, mas não parei de estudar não”, nos conta a agricultora. Assim, conseguiu se formar professora.

Um ano depois teve uma grande alegria: “recebi uma benção, deixaram uma menina de dois anos na minha porta, Luciene, que era a minha afilhada. Cuidei dela até dois meses de nascida e depois que sua mãe se separou me deu ela por filha”.

Outra coisa boa foi a volta de seu irmão, Lahy Bezerra, que há vinte anos tinha migrado para o Rio de Janeiro e há doze anos não dava notícias para sua família. Sua mãe não tinha mais esperanças de reencontrá-lo, até o dia que Lita recebe um telefonema dizendo que ele se encontrava vivendo doente e em condições precárias. Viagrou no mesmo dia para o Rio e trouxe o irmão para sua casa. Lahy estava cego e sem memória, com um tumor avançado na cabeça. Para a família foi a maior alegria encontrá-lo depois de tantos anos sem notícias dele. Lahy fez uma cirurgia e viveu por três anos, vindo a falecer em 2002, mesmo ano que sua irmã que morava no Rio de Janeiro, engravidou. Como o marido não queria o filho, ela o expulsou de casa e decidiu ter o bebê. Lita foi cuidar dela e após o nascimento de João Vitor não sabendo como iria criá-lo e trabalhar naquela cidade, longe da família pediu para Lita trazer o menino para viver com ela.

Em 2007, Lita perdeu seu irmão mais novo Naldo, em um acidente de moto.



Naldo, Lita e Lahy (irmãos)



Família reunida (filhos: João Victor e Luciene)

Seu Luiz nasceu em 1958, na cidade de Araruna/PB, mas logo foi viver na Serra Velha, em Itatuba. Filho de agricultores foi criado ajudando seu pai na agricultura e também no serviço de marchante. Desde os 18 anos de idade já participa do Sindicato. Chegou a passar vinte e três anos de sua vida em São Paulo, onde constituiu família e teve um filho, Maciel. Em 2004 resolveu voltar para sua terra onde realmente era feliz. Apesar de já conhecer Dona Lita, quando saiu da Serra ela

estava noiva e nunca pensaram que depois de tantos anos seus caminhos se cruzariam novamente.

Em 2005, acontece o segundo casamento para Luiz e Lita, quando se reencontraram e decidiram levar a vida juntos dali em diante. Seu Luiz foi morar na casa de Dona Lita, em um quartinho nos fundos, pois suas filhas não aceitavam a relação. Sem trabalho na cidade para seu Luiz, os dois juntaram a vontade de voltar a trabalhar com a terra e a partir de um empréstimo compraram uma casa na Serra Velha. “Voltamos pra Serra pra botar roçado”. Mas, a antiga casa, estava abandonada e tiveram muito serviço a fazer: “Começamos derrubando o mato, tirando o lixo, botando o roçado e criando e graças a Deus estamos aqui”, diz o casal. No ano de 2010, estavam ainda tentando organizar a casa e mesmo sem condições resolveram fazer um empréstimo no Banco do Nordeste; compraram arame e cavaram um açude. Depois, fizeram um segundo empréstimo para comprar um motor e a encanação para irrigação.



Antes de ir pra Recife, Lita era noiva e quando concluiu seus estudos em 1980 veio a se casar. “Casei, pra me livrar da casa dos outros, mas aí que foi sofrimento arroxado, porque foram cinco anos de casamento e o resto foi de sofrimento. Casei e fui morar na comunidade Riachão”. Passados os cinco primeiros anos de casamento, deu início ao sofrimento com as bebedeiras do marido, mas ela enfrentava tudo com muita força. Quando casou ganhou uma cabra da sua madrinha, o que a levou a negociar e assim já ter uma renda.

Nesse período do primeiro casamento, devido à seca forte que atingia a região, eles precisaram ir morar em Brasília. “Foi um ano de seca ruim mesmo, o povo era tudo saindo, indo trabalhar fora”. Passaram um ano em Brasília, mas, ao receberem a notícia que a chuva tinha chegado, em 1982, voltaram para Itatuba para colocar roçado e no mesmo ano nasce sua primeira filha, a Lilian Josiane. Foi também quando começou a trabalhar como professora: “Eu ia a pé da comunidade Riachão até Serra Velha para trabalhar. Um fazendeiro me chamou para ensinar os filhos dos moradores, na Fazenda Salgadinho. Quando engravidei, pensei em desistir e disse que não dava mais pela caminhada muito longa, daí ele me ofereceu um cavalo e ele mandava me buscar e me levar nesse cavalo. Passei dois anos assim”.

Em 1985, pensou não poder mais trabalhar devido à chegada da segunda filha, Lidiane Michelle. Mas, por ser considerada boa professora, após o nascimento da filha, conseguiu trabalho no município. Nessa época, também começou a pensar em se separar.



Seu Manoel Abilio, pai de Lita

Com o falecimento do seu pai em 1991, considerado por ela como sua inspiração, não suportando mais tanto sofrimento e ameaça, decidiu pela separação. “Nunca tive coragem de deixar o marido, nesse tempo era muito preconceito com uma mulher separada; mas, quando meu pai morreu, falei pra minha mãe: não aguento mais, vou deixar meu marido, e ela disse que se quisesse podia deixar ele”. Tomou essa decisão mesmo tendo que deixar a casa que tinha construído com muito esforço. “Construí minha casa e depois de dez anos perdi, em troca da minha liberdade, porque tive que abandonar a casa, se eu sáisse perdia o direito, e eu pra ter meu sossego, pela minha paz saí, e fui pagar aluguel em Itatuba”.

Passou cinco anos pagando aluguel e como tinha deixado seus bodes no sítio, com medo do ex-marido perder tudo, resolveu vendê-los e comprou uma vaca; levou pra sua casa e cuidou dela no quintal. Quando a vaca criou, trocou em duas novilhas e, assim, foi reproduzindo. “Quando eu já tinha uns cinco ou seis bichos vendi, peguei o dinheiro e comprei uma casinha velha na rua, que aos poucos fui ajeitando”.

Mais sofrimento rondou a vida de Lita quando perdeu sua irmã mais velha, Letícia, em 1996, que havia ido trabalhar em um hospital, em Campina Grande. Essa experiência dolorosa, fez amadurecer em Lita a certeza de que um dia voltaria a trabalhar na terra onde tinha nascido. “Todos os meus irmãos que foram trabalhar fora não tiveram sucesso, por isso eu sempre falei, um dia eu ainda volto pra minha Serra e vou trabalhar na agricultura”.



Letícia (irmã de Lita) e sua filha